

## **Processos formativos em Psicologia: Desafios na formação de psicólogas negras na Amazônia paraense**

*Raining processes in Psychology: Challenges in the training of black psychologists in the Amazon of paraense*

Aline Stefany Queiroz Leite<sup>1</sup>, Lorena Schalken de Andrade<sup>2</sup>

**RESUMO:** A psicologia epistemologicamente se estrutura de forma majoritária por uma visão europeia, elitista e branca. A partir disso, muitos pesquisadores e profissionais da psicologia tomam como bases tais teorias que embasam seu fazer psicológico nos diversos contextos que a psicologia se faz presente. Dessa forma, identifica-se o racismo como estruturante das subjetividades, relações e instituições, deslegitimando saberes, povos e identidades, a partir da violência seja simbólica ou não, logo, impacta diretamente o fazer enquanto profissionais da psicologia e na sua escuta. O presente estudo é resultado de uma pesquisa que buscou entender quais os impactos na formação em psicologia de psicólogas negras na Amazônia paraense, a fim de compreender os desafios enfrentados por mulheres negras na formação em psicologia, além de refletir sobre os efeitos da ausência de autorias negras na formação em psicologia, tendo como metodologia o método qualitativo de fundamentação teórica fenomenológica, tomando como base o modelo empírico compreensivo proposto por Amedeo Giorgi, utilizando como instrumento entrevistas semiestruturadas que serão realizadas com 04 (quatro) mulheres que se reconheçam enquanto negras, que se formaram em psicologia e que exerçam a profissão em diferentes âmbitos da área.

**Palavras-chave:** Psicólogas Negras; Formação; Racismo.

**ABSTRACT:** Epistemologically, psychology is mostly structured by a European, elitist and white vision. From this, many researchers and psychology professionals take as a basis such theories that support their psychological work in the different contexts in which psychology is present. In this way, racism is identified as structuring subjectivities, relationships and institutions, delegitimizing knowledge, people and identities, based on violence, whether symbolic or not, therefore, it directly impacts what they do as psychology professionals and how they listen. The present study is the result of research

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará (UFPA)

<sup>2</sup> Universidade da Amazônia (UNAMA)

that sought to understand the impacts on the training in psychology of black female psychologists in the Amazon of Pará, in order to understand the challenges faced by black women in training in psychology, in addition to reflecting on the effects of the absence of authorship black women in psychology training, using as a methodology the qualitative method of phenomenological theoretical foundation, based on the comprehensive empirical model proposed by Amedeo Giorgi, using as an instrument semi-structured interviews that will be carried out with 04 (four) women who recognize themselves as black, who graduated in psychology and who practice the profession in different areas of the area.

**Keywords:** Black Psychologists; Training; Racism.

### **Introdução**

O processo de colonização se deu a partir da dominação, exploração e opressão, que impactou aspectos físicos, sociais, políticos, culturais e também epistemológicos e ontológicos, aspectos esses que permeiam a estrutura social e a construção de saber, poder e ser. Os rastros históricos se perpetuam a partir da colonialidade que se torna um dispositivo estratégico de dominação. Dispositivo então seria de acordo com Foucault (1979) poder que opera sobre vários campos e a relação de poder que se estabelece entre eles, elementos deste dispositivo de poder demarcado por um conjunto de discursos, instituições, organizações arquitetônicas, morais, enunciados científicos, em suma o dito e o não dito.

Pensar as relações de poder e suas dinâmicas que implicam questões políticas, sociais, econômicas e epistemológicas, vemos como os países são marcados pela violência estrutural e pelo racismo estrutural, tendo em vista que as relações sociais e a construção de saberes não passam intactos dos processos de racialização, violências e as desigualdades produzidas (Reis, 2020). Tal paradigma deu origem a um processo de hierarquização de conhecimentos, culturas e povos, assim, as marcas da colonização resultou na hegemonia de um conhecimento, ocidental e eurocêntrico, em detrimento de

outros saberes, tornando inferior as culturas, povos e grupos étnico-raciais que estão fora do paradigma considerado civilizado e culto (Gomes, 2012).

As classes dominantes brancas têm à sua disposição poderosos implementos de controle social e cultural: o sistema educativo, as várias formas de comunicação de massas – a imprensa, o rádio, a televisão – a produção literária; todos esses instrumentos estão a serviço dos interesses das classes no poder e são usados para destruir o negro como pessoa, e como criador e condutor de uma cultura própria (Nascimento, 1978, p. 94).

Considera-se então o epistemicídio um processo de dominação histórica estratégica e violenta, pois também é uma forma de genocídio do povo negro. Carneiro (2023) em seu livro “Dispositivo de Racialidade” escreve que o epistemicídio se articula e se retroalimenta através de múltiplas ações, tendo relação com o acesso e/ou permanência nos processos de educação, bem no desprezo e diminuição do conhecimento de pessoas negras. A autora salienta que o dispositivo de racialidade produz e rearticula deslocamentos que atualizam a exclusão racial pela via do controle do acesso, da permanência e sucesso no sistema de educação e a cada momento de democratização do acesso à educação (Carneiro, 2023).

Nesse sentido o epistemicídio foi construído por normas impostas para pessoas onde a raça se torna estruturante na constituição de suas subjetividades, vivenciando processos de subalternização para que o mundo fosse justificado apenas pela homogeneização e embranquecimento cultural. Diante disso, observa-se o impacto no sistema educacional, ao passo que por inúmeras vezes promove exclusivamente o conhecimento de origem europeia, branca e ocidental. Tal lógica rege a psicologia que se estrutura através da “dominação colonial eurocêntrica vigente, pois se apresenta como um dos instrumentos colonialistas e conseqüentemente racistas mais eficazes,

resguardando ao eurocentrismo o poder de anular outras epistemologias, tornando-se o único protagonista desse saber” (Anselmo, 2021, p. 452).

A partir disso, podemos perceber que as universidades têm sido espaços com muitas dificuldades no que tange relações raciais e do racismo, na falta de inserção de matérias e debates nas grades curriculares, a ausência de pesquisas que construam estudos críticos capazes de elaborar diagnósticos consistentes sobre as injustiças impostas pelo racismo e pela discriminação racial. Sendo assim, a construção epistêmica com bases coloniais é um projeto que é imposto à sociedade brasileira, que se perpetua e é imposta nos moldes da colonialidade na episteme curricular vigente, logo, observa-se a hegemonia dos saberes no currículo, não tendo como negar a hierarquização de saberes em relação a questões raciais e étnicas que são impostas (Marques & Calderoni, 2020).

Historicamente, a psicologia foi pautada e construída através de matrizes eurocêntricas e coloniais que contribuem até hoje para atualizações das máscaras coloniais de silenciamentos das pluriversalidades da sociedade que reforçam, de maneira direta ou não, as mais diversas formas de violências perante as subjetividades que surgem dentro do fazer da psicologia. O histórico da Psicologia se estrutura em um histórico ocidental europeu, elitista e excludente que por vezes permeia nosso fazer enquanto ciência e profissão, que segundo Guerra (2002, p. 29):

[...] a história da Psicologia nos evidencia uma tradição de trabalho associada ao controle, à higienização e à diferenciação, que, desde os primórdios de seu nascimento, associaram às práticas sociais e políticas a manutenção do status quo.

O Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas [CREPOP] (2013), diz que a psicologia brasileira e os caminhos históricos que a constituíram, faz com que ela se posicione como cúmplice do racismo, devido à produção de práticas e conhecimentos que o legitima, validando cientificamente estereótipos infundados por

meio de teorias eurocêntricas, muitas vezes, discriminatórias e racistas, não levando em consideração a realidade brasileira. Perpetuando silenciamentos e por vezes não construindo materiais de enfrentamento à problemática, na dificuldade de pôr vezes de entender a necessidade de posicionar-se politicamente ao enfrentamento do racismo. O racismo se encontra de formas difusas nas academias, inclusive enquanto racismo institucional que tende a ser camuflado/silenciado/velado impactando o processo de formação profissional.

Por conseguinte, mesmo pesquisas afirmando a presença de temas sobre relações raciais, acabam sendo incluídas como disciplinas eletivas, incluídas de maneira generalista e superficial e não priorizam a preparação dos profissionais para lidar e trabalhar com essa natureza de sofrimento, como consequência, tem-se a invisibilidade da temática, seja na sala de aula, seja no cotidiano do trabalho do profissional de psicologia, não tendo uma escuta qualificada e interseccional levando em consideração, questões éticas, políticas e contextuais (Santana et al., 2018).

Fica a critério dos estudantes e profissionais o interesse de se aproximarem ou não da temática, já que a psicologia não se propõe a transversalizar o debate e estudos no que diz respeito às relações étnico-raciais, assim, a discussão acaba ficando a critério de pessoas que já haviam se sensibilizado com o tema e buscaram, de maneira extracurricular, tal aproximação (Santana et al., 2018). Um fator relevante é a falta de representatividade negra neste espaço acadêmico, seja no campo teórico, ao passo que a maioria dos autores estudados são homens brancos, ou que tenha pessoas negras no quadro de professores. Nesse ínterim, ao pensarmos sobre representatividade negra na psicologia entende-se a importância do ingresso e permanência de pessoas negras na universidade, mas também, faz-se necessário enegrecer a formação de psicologia, das grades curriculares e docência com letramento racial. Santos e Emílio (2021), em seu

artigo “A mulher negra e a formação em Psicologia: Quais as barreiras existentes?” pontua algumas inquietações a respeito do processo de formação em psicologia:

Agora, cabe a reflexão sobre as implicações de uma ciência que por vezes se nega a discutir a identidade negra – seja dos estudantes, profissionais ou até mesmo do público-alvo de alguma intervenção psicológica – e que, da mesma forma, nega a discussão do racismo que ela reproduz e perpetua. [...] se pergunte o quanto as produções da Psicologia realmente estão dispostas a ‘tocar o dedo na ferida’ da formação da sociedade brasileira? O quanto, de fato, as instituições de ensino estão dispostas a aceitar a representação que se dê na forma de referências bibliográficas ou por professores negros? A não discussão e o não falar colaboram com a manutenção do que já existe. É no silenciamento que o racismo se fortalece, é no silenciamento que ele se estrutura (Santos & Emilio, 2021, p. 120).

Sabendo que os currículos dos cursos de Psicologia não se propõem na maioria das vezes a trazerem referências aos temas de raça, do racismo, da importância do letramento racial, a fim de se implicarem no enfrentamento de violências e mudanças de paradigmas, vemos a repetição de formações que desconsiderem as diferenças da categoria raça como fator importante na constituição da subjetividade do sujeito e não levar isso em consideração afeta o fazer do profissional de psicologia e sua escuta. Dito isto, a presente pesquisa tem como questão problema, quais os impactos na formação em psicologia de psicólogas negras na amazônia paraense? Tendo como objetivo compreender os desafios enfrentados por mulheres negras na formação em psicologia, além de refletir sobre os efeitos da ausência de autorias negras na formação em psicologia que veremos ao longo desta pesquisa.

## **Metodologia**

O presente trabalho utiliza o método qualitativo de fundamentação teórica fenomenológica, tomando como base o modelo empírico compreensivo proposto por Amedeo Giorgi. Na pesquisa qualitativa, pesquisador e sujeito produzem pensamento, esse tipo de pesquisa tem como especificidade a busca dos aspectos da realidade do sujeito, logo, pesquisadores e sujeitos apreendem esses aspectos (Andrade & Holanda, 2010).

O Método Fenomenológico Empírico (MFE) de Amedeo Giorgi, que se propõe alcançar a essência do fenômeno tendo como base epistemológica a intencionalidade da consciência, que de acordo com Giorgi e Sousa (2010), faz-se por meio da descrição minuciosa com o objetivo de obter conhecimentos irrefutáveis. Para captar o sentido da experiência humana, o método se debruça em descrições de depoimentos, relatos ou entrevistas sobre experiências vividas em relação a um determinado fenômeno (Andrade & Holanda, 2010).

A utilização da entrevista qualitativa como um recurso metodológico objetiva, segundo Kvale (1996), obter descrições a partir do vivido e do mundo experiencial da entrevistada, bem como as interpretações e significados dos fenômenos descritos. Tendo em vista que a entrevista torna-se um processo dialógico e de comunicação, o autor Gomes (1997, p. 321) ressalta:

A entrevista explora o mundo vivido do entrevistado, definido como experiência consciente, e está à procura do sentido que este mundo vivido tem para o entrevistado. Neste processo, a consciência do entrevistador, como expressa no roteiro da entrevista, modifica-se, amplia-se, atualiza-se na interação com o entrevistado. O movimento corretivo é possível pela reversibilidade das percepções e expressões do entrevistador e do entrevistado.

Considera-se qualquer fenômeno possível de ser investigado, desde que esteja presente na experiência do sujeito e na comunicação com o pesquisador (Branco, 2014). Sendo assim, para compreender a realidade estudada e a experiência vivida, Amedeo Giorgi propõe a caracterização de Unidades de Significação (US), que seriam as camadas de sentidos presentes nas descrições das vivências pesquisadas, portanto, a fim de apreender a essência, às US são examinadas pela técnica de variação livre e imaginária. Por conseguinte, Branco (2014) destaca que as unidades de significação (US) e essências quando elucidadas manifestam como ocorre as vivências de um determinado fenômeno, logo, a vivência do indivíduo mostra a realidade de um determinado mundo social que pode ser compreendido e compartilhado.

São adotadas quatro etapas para colocar em prática o método fenomenológico proposto por Giorgi, que após a obtenção dos dados de investigação por meio das entrevistas e da transcrição destas na íntegra como descritos pelos sujeitos entrevistados, podemos iniciar a análise em quatro passos, sendo estes: Estabelecer o Sentido Geral; Determinação das partes: Divisão das Unidades de Significado; Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico; Determinação da estrutura geral de Significados Psicológicos e posteriormente sínteses do vivido que busca desvelar a essência do fenômeno estudado (Giorgi & Sousa, 2010; Andrade & Holanda, 2010)

O método fenomenológico empírico (MFE), segundo Giorgi e Sousa (2010), tem como objetivo analisar e descrever o seu objeto de estudo, as vivências intencionais, embora, com o intuito de certificar a sua validade num registro intersubjetivo, sendo assim, após a coleta de dados foram realizadas as transcrições das entrevistas e posteriormente foram analisadas a partir do método fenomenológico empírico (MFE), desenvolvido por Giorgi e Souza (2010) que se estrutura em quatro passos:

1. Estabelecer o sentido geral: o primeiro passo consiste na compreensão do sentido do todo através da leitura de toda a descrição, sendo imprescindível a compreensão da linguagem utilizada pelas entrevistadas, sem a intenção de identificar unidades significativas. Para isso, é necessário realizar a suspensão fenomenológica de vivências e pré- concepções das pesquisadoras para compreensão do vivido relatado pelo sujeito.

2. Determinação das partes: divisão das unidades de significado: o segundo passo é realizado pela discriminação das unidades significativas (US) através de uma perspectiva psicológica e com atenção ao fenômeno investigado, através de diversas releituras das transcrições.

3. Transformação das unidades de significado em expressões de caráter psicológico: o terceiro passo consiste na transformação de expressões cotidianas do sujeito em linguagem psicológica, novamente com ênfase no fenômeno em estudo.

4. Determinação da estrutura geral de significados psicológicos: Se estrutura através da análise das sínteses das unidades de significação estruturadas de forma consistente, a fim de construir uma significação psicológica dos fenômenos observados sendo relacionados com a experiência das entrevistadas, sendo chamado de estrutura da experiência (Andrade & Holanda, 2010).

Perante a identificação das Unidades de significação (US), da estruturação da experiência e observação das camadas de sentidos do fenômeno pretendemos compreender quais os impactos na formação em psicologia de psicólogas negras na amazônia paraense. Este estudo está inserido dentro do Projeto de Pesquisa Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais da Universidade da Amazônia que possui o parecer CAEE: 24782619.9.0000.5173.

Foi realizada a divulgação e disponibilização de um formulário da pesquisa com intuito de captar 04 (quatro) psicólogas negras que estivessem dentro dos critérios de participação, sendo estes os critérios de inclusão: mulheres que se reconheçam enquanto negras; sejam mulheres cis ou não e estejam com CRP ativo; e os critérios de exclusão: psicólogas que atuem fora da região de Belém. A captação das 04 (quatro) entrevistadas ocorreu através do grupo Psicologia Negra, formado por psicólogas (os) que atuam no Pará e, posteriormente nas redes sociais, bem como outras indicações feitas pelas entrevistadas. As entrevistas foram realizadas em diferentes locais, de acordo com a disponibilidade de dias e horários das participantes, sendo uma em local aberto (Parque) e as outras três em local fechado (consultórios).

Por meio de entrevistas semiestruturadas com as participantes foi possível compreender as unidades de significação (US) presentes nas falas, vivências e atuações das psicólogas negras, que serão apresentadas na seção a seguir.

### **Resultados e discussões**

Para iniciar as discussões, apresentamos a tabela abaixo com as informações das participantes da pesquisa.

#### **Tabela 1**

*Caracterização dos participantes*

PARTICIPANTES
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Zuri</b> Possui 25 anos, mora em Belém-PA, é uma mulher negra, cis, bissexual, não-monogâmica. É psicóloga, atua como docente no ensino superior.</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Ayana</b> Possui 27 anos, mora em Belém-PA, é uma mulher negra, cis, bissexual, tem pós-graduação em psicologia clínica com ênfase em gestalt-terapia.</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Luená</b> Possui 35 anos, mora em Belém-PA, é uma mulher negra, cis, héterossexual. É psicóloga e psicanalista e atua na clínica.</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Dandara</b> Possui 33 anos, mora em Belém-PA, é uma mulher negra, cis, heterossexual, tem atuação em psicologia social e saúde mental. É psicóloga e psicanalista, e atua na clínica.</li></ul>

### Autorreconhecimento

Os marcadores sociais de gênero, raça e classe comparecem na encruzilhada de opressões, sendo estas a subjugação de corpos, no acesso à educação, saúde, questões identitárias, trabalho, lazer e etc. A autora Kilomba (2020), refletindo sobre a marginalização e as desigualdades, pontua sobre a margem e o centro, sendo a margem parte do todo, mas fora do corpo principal, a margem então torna-se lugar de repressão e resistência. As resistências de estar na margem são relatadas por Zuri e Dandara;

[...] *Não me percebia enquanto uma pessoa também periférica, uma pessoa pobre.*  
[...] *e... tinha uma coisa que sempre me incomodava assim, que a gente tinha o costume dela sempre, ela e minha avó sempre comiam o que sobrava. Eu ficava "mas por quê? por quê assim?"[...]e eu "mãe, porque que... a senhora lembra? Fiquei pensando aqui, né? Da gente mais nova que a senhora comia, a senhora e a vovó sempre comiam o que a gente deixava, a gente era pobre?" Ah, pra quê... aí ela começou a chorar, aí ela disse assim que sim, que era algo muito regrado, mas que pra gente nunca faltou e de fato nunca faltou [...]foi uma infância muito,*

*muito humilde, então eu tenho acesso também a poucas coisas, então a construção toda ela sempre foi muito distante do que era de fato que a gente vivenciava, era algo que "não, mas a gente não é pobre, porque pobre é o miserável" ou algo do gênero, então até essa questão de classe não era percebido, sempre foi algo muito distante (Zuri).*

*Então, eu me formei, foi um momento bem difícil porque nessa época meu pai adoeceu, então eu fiz um grande esforço pra me formar com a minha turma, porque o certo, não sei se o certo, mas a tendência era que eu trancasse a faculdade, quando meu pai saísse do hospital, eu voltava ou abandonava, né? [...] e eu fiz assim um esforço tremendo pra concluir o curso[...] Então... hoje eu vejo que foi uma série de fatores que tem a ver também com classe (Dandara).*

Na busca de descolonizar nossos corpos, saberes e historicidade existe antes a necessidade de autonegação de uma cultura dominante que nos invisibiliza e silencia, dominação esta que nega a existência e a plena humanidade do outro. Zuri, Luena, Ayana em seus relatos descrevem questões de reconhecimento e pertencimento que as atravessam:

*Ai, tu é o quê? Tu te identifica como?" Ah, eu ia pra certidão, né? "Eu sou parda", é o que tá na minha certidão, é o que eu vou dizer. Só que minha mãe também é parda na certidão, mas a minha mãe é branca, e aí eu ficava "mas, e aí?" E aí vinham as discussões mas pardo é papel, pardo é o peixe, pardo é não sei o quê... falei "meu deus, e agora?" E agora... e agora? Mas eu não sou negra o suficiente pra ser percebida por um outro preto como negra, mas por pessoas brancas eu também não sou branca, pardo não existe... então foi um processo muito, muito complicado de um não pertencimento, foi assim que eu me senti (Zuri).*

*Quando eu mudei de cabelo, não me reconheceram mais, eu já fiz parte do conselho fiscal do prédio e eu vim pra uma reunião depois da pandemia de cabelo diferente.. de cabelo...sem química e não sabiam mais quem era eu, estava com o mesmo corpo, com as mesmas roupas, com a mesma voz não me reconheceram mais (Luena).*

*o meu avô inclusive fala que a gente não é preto a gente é “moreno bacana” (risadas) mas preto nem pensar (risadas) hoje é motivo de piada entre eu e o papai né, entre mim e o papai, mas nesse período eu não me senti validada assim, nem por ele que eu sou a cara dele, né, então assim, “como é que eu posso é...sentir quem eu sou se as pessoas parecidas comigo não dizem quem eu sou, né (Ayana).*

Nas fantasias do que a negritude deveria ser, surgem aspectos negados do eu branco que são projetados em pessoas negras. Dessarte, para tomar-se como valoroso antes é preciso segundo bell hooks (2019) “quebrar as paredes de autonegação que ocultam a profundidade do autoódio dos negros, a angústia interior, a dor sem reconciliação” (p. 53). Dessa maneira, transgridem o sistema imposto e quebram a lógica de violência estabelecida:

*Ah, primeiro gênero, aí depois classe, depois raça, mas hoje... no momento em que eu me encontro, não tem como eu falar de forma separada ou conversar assim “ah não, mas porque eu enquanto mulher...” porque eu não sou eu enquanto mulher, eu sou uma pessoa só e isso foi o que me trouxe desconforto na minha própria terapia, na última que eu fiz, porque eu trouxe isso na discussão, era uma psicóloga branca, né? mas ela era assim super progressista, ela conversava sobre sexualidade, feminista e tal, aí eu falei “é, então bora lá” e aí eu tava falando do... que eu tava me entendendo também enquanto, tava ali já no resquício de*

*uma não-monogamia porque eu também me identifico enquanto não-monogâmica, e aí ela... falei assim "mas as coisas estão todas interligadas, eu não consigo ser só a Zuri profissional ou só a Zuri mulher, ou só a Zuri, eu sou as Zuris (Zuri).*

*E aí conforme eu fui sofrendo mais racismos, epistemológicos, inclusive silenciamentos eu fui querendo entender mais [...] E claro, no primeiro momento foi de muito sofrimento, de muita angústia para depois eu entender o que que era [...] (Luena).*

*Sim né, a gente tá ocupando espaços que antes não eram nossos né, e aí ocupar espaços e democratizar o acesso né também a eles é fenomenal. Eu gostaria de fazer bem mais, sabe...é isso né tipo tu consegue ver essa democratização, esse acesso a todos e aí eu me sinto importante né, agrega um valor para mim muito mais do que as vezes que eu tô no consultório, por exemplo, na parte de docência também, eu me sinto importante por que é... eu não tive professoras negras (risadas).. nem na pós-graduação, não tive em nenhum momento (risos), nem no mestrado também então é isso né, é um lugar que eu tô assumindo que fala do meu processo também né” (Ayana).*

*Olha, é muito bom, assim, eu me sinto muito feliz, porque eu brincava com um amigo meu, que falei, disse assim, eu quero ser...como é? representar algo, né, que faça sentido mesmo na profissão, sempre conversava com ele num tom de brincadeira, e quando eu comecei a atender mulheres negras, a estudar[...]então poder estar num lugar de psicoterapeuta, que eu não me via, eu olho isso na minha trajetória, nossa, era um lugar elitista e é como se tivesse é... reformulando, né, a psicologia clínica, o público que é atendido, o modo de fazer clínica, né, que não é um padrão eurocêntrico” (Dandara).*

*E aí a gente trabalha também os aspectos de pertencimento né, você pertence a esse lugar, você escolheu está ali, você faz parte desse processo que você tá vivendo agora né e aí são vários relatos né que a gente vai se encontrando depois pela afetividade né é muito (Ayana).*

As narrativas que circundam a construção do eu permitem a aproximação de si com a verdade, criando espaços de reflexão e de reelaboração, tornando o indivíduo protagonista de sua própria história. Sendo assim, Collins (2016, p. 104) escreve que “quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posições de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade tem o direito de estarem nessa posição”.

O processo de empoderamento diante do que está posto busca pensar a reconstrução de novos caminhos das bases sociopolíticas rompendo com as vertentes opressoras. E, por vezes, ele não se faz sozinho, se faz também coletivamente. Como salienta Dandara e Luena:

*Eu acho que isso é um próximo passo, assim (risadas), de andar pra onde eu quero caminhar, né? De ter uma clínica, de fazer parcerias com psicólogas negras. [...] Montar um time, fortalecer esse time, tipo, uma guerra (risadas). Tá na guerra ali, então vamos lutar pra gente poder conquistar o nosso espaço, conquistar os nossos públicos, enfim, fazer o nosso nome (Dandara).*

*[...] Hoje em dia as minhas escolhas acadêmicas passam por esse lugar, meus convites para falar e a visibilidade que eu tenho, ela vem a partir disso...a partir do momento que eu me reconheci, que eu me interessei, busquei isso e onde quer que eu esteja, eu serei uma mulher preta, falando seja lá do que for; mesmo que eu esteja falando outros assuntos, disso eu não seria apartada... do norte, isso sempre vai comparecer (Luena).*

## **Tornar-se psicóloga**

O nascimento da psicologia no Brasil e suas bases epistemológicas sustentam-se a partir de um fazer individualista e elitista em um contexto capitalista, colonialista e cis-heteropatriarcal que constrói esquemas do que é o fazer psicológico, para quem é a psicologia, como são os profissionais, de uma forma unilateral e universal que ainda hoje podem ser vistos, como podemos ver através dos questionamentos e reflexões que comparecem quando dizem;

*[...] inclusive por exemplo... é, eu trabalhei em terapia isso, foi um período muito interessante porque eu falava para minha psicóloga, que quando eu ia atender novos pacientes eu me vestia toda né, tipo eu não usava blusa de alça, não usava vestido eu era uma Ayana totalmente empacotada assim para não parecer...e aí ela falava assim para mim “nossa, mas por que você tá parando de ser quem você é no atendimento clínico em que tu tem que ser quem tu és” e eu fala assim “não porque podem olhar para a minha tatuagem, podem olhar para alguma coisa e acharem que eu não sou boa o suficiente” aí ela falava “mas aí é você que não tá se achando boa o suficiente né”. Então vem todos esses aspectos, tipo do quanto que a gente se observa nesse meio e às vezes a gente fica se julgando muito né...e aí reforçar todo tempo que a gente é boa, que a gente consegue né. Porque todo tempo a gente é testado né (Ayana).*

*[...] tem pessoas que vem sem saber quem eu sou, sem saber como eu sou, não tem minha foto no Whatsapp, e é de propósito, para o bem ou para o mal, é de propósito [...] É..Tem uma questão sobre ser mulher... e aí, dá um pouco de medo, né, de quem é que vai vir que também já aconteceu inclusive, mas, eu acho melhor que as pessoas não saibam se eu sou uma psicóloga preta ou branca, especialmente quem não sabe, quem vem me procurar não sabe, nem pra isso*

*afastar, e nem pra vir por causa disso, tanto que eu nunca mudei é a mesma imagem desde que eu comecei a atender sempre foi uma imagem de cartão é essa acho que eu não vou mudar, por causa disso (Luena).*

*[...] E é muito louco, eu tenho dificuldade de sair do papel de psicóloga né? (risadas).... Estou me ouvindo aqui (risadas)... Nossa que complicado, o papel de psicóloga é um papel que é muito meu, que eu gosto muito, então faz muito parte da minha vida, eu acho que eu sou psicóloga umas 12h por dia (risadas)... então, pra se ver além do papel de psicóloga, eu teria que ver a Ayana pesquisadora, Ayana filha, Ayana que é amiga (Ayana).*

*E aí eu sempre ficava "meu deus, mas será que eu toco nisso ou será que eu não toco?", e aí depois eu percebi que "por que eu não tenho essa preocupação com meus clientes brancos de tocar raça ou não? tô loca?" não é querendo ser capacitista aqui, mas assim... ainda foi algo que eu também precisei me tranquilizar, porque é como se eu quisesse apressar alguma coisa, sabe? Então assim, foi um início muito complicado (Zuri)*

Faz-se necessário questionar as organizações que estruturam os saberes e corpos de forma homogênea, bem como a concepção de intelectualidade vigente, que de acordo com Trzan e Mattar (2022, p. 79) “a universalização da categoria de humanidade, em vez de supostamente igualar nossos corpos e colocá-los no mesmo patamar de sujeitos de direito, promove a invisibilização das violências que nos atravessam e que são negadas por quem as efetua”. Tendo em vista psicologias que contemplem as especificidades e a pluralidade, que leve em consideração os atravessamentos que comparecem.

Ao se perceberem enquanto sujeitas ativas dentro das suas histórias e ocupando lugares hegemonicamente negados, rompendo com o que está imposto, as entrevistadas falam sobre a psicologia que faz sentido para elas:

*A questão é como cada sujeito sente aquilo, e isso é individual, isso é subjetivo particular, mas que estamos dentro de um bloco maior de atravessamento social dessas questões, dessas estruturas, estamos. Mas mesmo assim, tem pessoas pretas totalmente entendidas dessas questões que têm muita dificuldade de perceber aquilo, eu vou colocar nesses termos, quão baixa autoestima elas têm, tem a ver com o fato de elas terem sido desconsideradas a vida toda, então, mesmo assim é muito difícil. Saber, saber disso não faz com que ninguém esteja livre disso (Luena).*

*A minha atuação principal é, nesse âmbito da interseccionalidade, é com mulheres negras. Então, eu comecei a sentir essa diferença, assim, quase não tinham mulheres, e quando apareciam, elas não relatavam essa questão da raça como um sofrimento, mas a minha escuta já identificava que aquilo era por causa, por conta de um racismo, né? aquele sofrimento tinha o racismo por trás (Dandara)*

*O que eu penso que na clínica, a partir da minha perspectiva de ser humano, é um encontro, não é só eu que atendo ou que estou em encontro com uma pessoa negra também, mas eu enquanto também a minha pessoa, né? [...] Sempre que eu tô em contato com uma outra cliente, mesmo que o processo seja muito diferente, eu me aproximo, seja por compreendê-la nesse, nesse lugar que ainda tá ali sementinha, seja de coisas que eu nunca sequer parei pra pensar sobre. Então, é sempre algo muito... muito fluido (Zuri).*

Se acolher enquanto psicólogas também é necessário, uma vez que no contato com outras existências também nos revisitamos e nos encontramos com nossas mazelas. Câmara (2017) escreve que nós, pessoas negras, não somos investidos de afetos positivos,

crecemos com afetos negativos projetados sobre nossa cor, nossos traços, com sarcasmos e olhares de desprezo. Em que Zuri descreve:

*E aí eu percebi que eu me acolhi nesse processo, me fez me tornar menos violenta com os meus, porque eu já fui uma pessoa muito violenta nas minhas relações, muito... questões de afeto, de amoroso sexual, mas também de amizade, familiar e aquela violência assim que não parece violência, que não é algo físico, não é algo explosivo, não, né? porque eu fechava muito e não me responsabilizava também, "não, eu tô falando isso daqui porque é teu, porque tu que fizeste algo, porque isso daqui é teu, não é nada meu", então me acolher, por mais exigente que seja, mas é também muito enriquecedor porque me permite não ser violenta comigo dizendo que eu não sinto, dizendo que isso não me afeta, não podendo cuidar, como não ser violenta com as minhas pessoas, com quem eu me relaciono (Zuri).*

*Então é sempre, é um... processo também, assim como das minhas clientes que eu acompanho, o meu de me acolher e entender o que isso me afetou aqui, me fez sentir dessa forma, me fez me sentir, é... insegura, eu senti raiva desse cliente, porque isso também é algo que a gente acha que não pode sentir, "não porque é meu cliente, eu não posso sentir raiva, eu tenho que aceitá-lo e entendê-lo, e compreendê-lo, independente do que ele fale, mesmo que ele, de alguma forma, seja contra a minha existência (Zuri).*

Construir um fazer crítico e uma perspectiva interseccional é romper com ciclos de violências e oferecer uma prática pautada no cuidado de acordo com cada corpo e com cada subjetividade.

*Eu comecei a ver a clínica de uma forma muito mais ampliada, no sentido de que a clínica era para além de ajustamentos, a clínica era para além de*

*psicopatologias e, ver que às vezes eram questões extremamente, (risos) quer dizer as vezes não, a maioria das vezes são questões extremamente sociais que tem relacionado com classe, relacionado com raça, tem relacionado com sexualidade e gênero, e tudo mais [...] se a gente não visualizar né, todos esses marcadores que fazem parte, é..... de um processo de adoecimento psíquico mesmo, a gente tá invisibilizando o sujeito aí eu não sei se a psicologia faz sentido se a gente não olhar para essa parte. E aí é complicado....” (Ayana).*

*[...] que todos os profissionais que se dispõem a estar nesse lugar de escuta deveriam ter conhecimento suficiente em todas as pautas para não reproduzir nenhum tipo de sofrimento nesse contexto, é o que eu acho, é o que eu falo (Luena).*

Entender a importância da representatividade e de possibilitar espaços de aquilombamento, sendo, pois, o aquilombamento uma tecnologia ancestral que “diz respeito a zonas de segurança, de acolhimento, de fortalecimento” (Souto, 2021, p. 157). Isso comparece, seja nas pessoas que buscam, seja no fazer enquanto psicólogas. Se aquilombar é traçar caminhos e estratégias possíveis que desafie a organização social que ordena a separação dos corpos e a individualização das coletividades (Souto, 2021). A fim de descolonizar os saberes e práticas, dentre eles a psicologia na busca de outras perspectivas, dentre elas a interseccional.

### **Considerações para se pensar novos horizontes para Psicologia**

Se reconhecer entre processos de dores e sofrimentos em meio a apagamentos históricos, implica de forma violenta na percepção de si e na construção das subjetividades de pessoas negras, assim, pode-se enxergar um lugar onde o racismo é uma ferida aberta que não cicatriza de acordo com Santos (1983) e faz com que pessoas negras não sejam reconhecidas enquanto sujeitos.

Entende-se então o racismo como pilar estruturante dentro de um sistema que se reformula na sociedade de diversas formas e em diversos âmbitos, inclusive dentro das instituições de ensino, que também representa um dispositivo de poder, nesse sentido, o trauma do passado retorna constantemente ao presente e se insere nas salas de aulas, nas disciplinas nas produções de saberes hegemônicos em detrimento e apagamento de outras formas de sabedorias.

Dessa maneira pensar o autorreconhecimento e o tornar-se profissional de psicologia para as psicólogas negras que foram entrevistadas é compreender os atravessamentos de raça, classe, gênero, sexualidade entre outros que permeiam seus corpos. No que tange racialidade é possível observar como afeta de formas múltiplas sua existência, sua autoimagem, autoestima, relações interpessoais, como as outras pessoas as veem, processos de exclusão social, racismo, acesso as instituições de ensino e a dificuldade de se sentir pertencente e agente da sua própria história que corrobora para silenciamentos, genocídio e epistemicídio da população negra.

A continuidade do apagamento de identidades negras na formação faz parte de um projeto político pedagógico de extermínio, tornando-se cúmplice a partir da rejeição e rebaixamento de saberes e práticas ancestrais, bem como experiências não hegemônicas, dessa forma, o não se reconhecer como corresponsável e parte desse sistema dificulta a percepção e o combate a algumas demandas, como o racismo, além de haver a um risco a uma filiação ao modelo biomédico, a medicalização e a dificuldade de acessar outras dimensões de ser humano, sócio-histórico-cultural, espiritual, político, afetivo e ético.

Tendo em vista que o currículo das universidades, logo, da psicologia também não prevê e não fomenta debates interseccionais sobre relações étnico-raciais, ficando a merce de disciplinas eletivas e de professores que tragam pautas raciais, contribuindo para a perpetuação de uma lógica dominante branca, eurocêntrica e heteronormativa. Dito isto,

construir e reafirmar referências negras nesses espaços é resistência e liberdade na busca de lugares de referência transitórios e/ou duradouros. Sendo o corpo memória, de acordo com Rats (2007) que escreve sobre a trajetória de Beatriz Nascimento sintetiza tudo, por isso, “olhar-se no espelho da raça e reconstruir sua identidade e seu corpo, pensando na sua trajetória e nas rotas do povo ao qual se sente vinculado (p. 68).

A produção de conhecimentos e a ciência não é neutra, portanto, é permeada por ideologias, estruturas de violências, relações de poder, processos de colonização e colonialidade. Por conseguinte, se apresenta na construção de profissões e saberes como a psicologia, que fomentam e baseiam a formação homogênea, engessada, não crítica e que não se compromete com o contexto social e político a partir de um fazer ético e interseccional, o que reflete e reverbera na escuta e no exercício profissional.

Sendo assim, para mudanças de paradigmas e o rompimento de um sistema de opressões, inclusive dentro da psicologia, pontua-se a importância de identificar e reconhecer os eixos de violências, levando em consideração os diversos contextos e realidades em que o indivíduo se insere, bem como compreender como foram produzidas, sua finalidade e a dinâmica de perpetuação desse sistema de opressões, tal movimento torna possível romper com as marcas coloniais e ampliar as possibilidades de existência e enfrentamento a partir de um fazer interseccional.

O corpo negro enquanto potência diaspórica, rompe as fronteiras, podendo ser também em parte, aquele que foge, mas, que conquista espaços, desfaz estruturas e causa fissuras, Rats (2007, p. 67) diz que “é a inter-relação entre corpo, espaço e identidade que pode ser refeita por aquele(a) que busca tornar-se pessoa (e não coisa)”. A expansão e o reconhecimento do pensamento negro como possibilidade de recriação, memória e retomada, a fim de ecoar as vozes negras silenciadas.

## Referências

- Andrade, C. C., & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 27(2), 259-268.  
<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>
- Anselmo, A. S. (2021). Os Impactos da Colonização: Epistemicídios na Psicologia. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 13(35), 441-463. <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/917>
- Branco, C. P. C. (2014). Diálogo entre análise de conteúdo e método fenomenológico empírico: caminhos históricos e metodológicos. *Diário de Abordagem Gestáltica*, 20(2), 189-197.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672014000200006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000200006&lng=pt&tlng=pt).
- Câmara, F. D. S. (2017). *Mulheres Negras Amazônicas Frente à Cidade Morena: O Lugar da Psicologia, Os Territórios De Resistência* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará]. Programa de Pós-graduação em Psicologia.
- Carneiro, A. S. (2023). *Dispositivo de Racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser* (1ª ed). Zahar.
- Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas. (2013). *Relações Raciais: Referências Técnicas para a Prática do(a) Psicólogo(a)*. Conselho Federal de Psicologia.
- Collins, P. H. (2016). Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade & Estado*, 31(1), 99-127.  
<https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Graal.

- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia* (Vol. 25ª, pp. 73-91). Fim de século.
- Gomes, N. L. (2012). Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, 12(1), 98-109.  
<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>
- Gomes, W. B. (1997). A Entrevista Fenomenológica e o Estudo da Experiência Consciente. *Psicologia USP*, 8(2), 305-336. <https://doi.org/10.1590/S0103-65641997000200015>
- Guerra, A. M. C. (2002). O social na clínica e a clínica do social: sutilezas de uma prática. In B. D. Gonçalves, A. M. C. Guerra & J. O. Moreira (Eds.), *Clínica e inclusão social: novos arranjos subjetivos e novas formas de intervenção* (pp. 29-48). Campo Social.
- Hooks, Bell. (2019). *Olhares negros: raça e representação*. Elefante.
- Kilomba, G. (2020). *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Kvale, S. (1996). *An Introduction to Qualitative Research Interviewing*. Sage.
- Marques, E. P. de S., & Mendonça O. C., V. A. (2020). A implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais: Subversão à lógica da colonialidade no currículo escolar. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 12(32), 97-119.  
<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/886>.
- Nascimento, A. (1978). *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Paz e Terra.
- Rats, A. (2007). *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. Instituto Kuanza.

- Reis, D. S. (2020). Saberes encruzilhados: (de)colonialidade, racismo epistêmico e ensino de filosofia. *Educar em Revista*, 36, e75102.  
<https://doi.org/10.1590/0104-4060.75102>
- Santana, H. M., Daltro, M. R., & Castelar, M. (2018). Relatos de psicólogas sobre sua formação no âmbito das relações raciais. *Revista Psicologia & Saberes*, 7(9), 25-37. <https://doi.org/10.33333/ps.v7i9.813>.
- Santos, A. S. R., & Emílio, S. A. (2021). A mulher negra e a formação em Psicologia. Quais as baerreiras existentes? *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 42(1), 115-132. <https://doi.org/10.5433/1679-0383.2021v42n1p115>
- Santos, N. (1983). *Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Edições Graa.
- Souto, S. (2021). É tempo de aquilombar: da tecnologia ancestral à produção cultural contemporânea. *Políticas Culturais em Revista*, 14(2), 142-159.
- Trzan, A., Mattar, C. (2022). *Psicologia, fenomenologia e questões decoloniais: Intersecções*. Via Verita.